

A “Distinta Discípula” Maria das Dores Castanheira Guimarães: Formação e atuação de uma aluna do Conservatório de Música no Rio de Janeiro Oitocentista

Maria das Dores Castanheira Guimarães, the ‘Distinctive Disciple’: Training and Activity of a Female Student of the Music Conservatory of Rio de Janeiro in the 19th Century

Clara Fernandes Albuquerque¹

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro -UNIRIO

RESUMO

Neste trabalho, trago uma narrativa sobre a professora montevideana Maria das Dores Castanheira Guimarães, uma das primeiras alunas do Conservatório de Música do Rio de Janeiro. Com base na conceituação de Micro-história de Carlo Ginzburg (1989) e de Jogo de escalas de Jacques Revel (1998), procuro responder às perguntas: O que vestígios biográficos de uma ex-aluna do Conservatório podem dizer sobre a visibilidade e a atuação profissional feminina em música na segunda metade do século XIX? De que forma esta instituição e a ligação ao intelectual Francisco Manoel da Silva impactaram a prática musical e a docência em música no período, especialmente em relação às mulheres? A atuação de Maria das Dores aponta para uma participação intensa e efetiva feminina na prática musical do século XIX, e o papel do Conservatório e da atuação do intelectual Francisco Manoel da Silva na criação de meios de subsistência e de mobilidade social para estas mulheres. Este trabalho destaca a relevância dos periódicos como fonte privilegiada para informações sobre o cotidiano de pessoas consideradas “comuns”, e traz um olhar para uma vida feminina única, descortinando pormenores da prática musical oitocentista não tão valorizados até o momento nas narrativas históricas sobre o período.

Palavras-chave: Conservatório de Música; Professoras de música; Festividades religiosas; Rio de Janeiro oitocentista; Micro-história.

ABSTRACT

In this paper I provide an account about the Montevideo teacher Maria das Dores Castanheira Guimarães, one of the first women to study at the Music Conservatory of Rio de Janeiro. Based on Carlo Ginzburg’s microhistorical approach (1989) and the Jacques Revel’s *jeux d’échelles* (1998), I look for answers to the following questions: What do biographical traces left by a former student of the Conservatory can tell us about the visibility and the professional activity of women working in music during the second half of the 19th century? In what ways did the Conservatory, and its connection to the intellectual Francisco Manoel da Silva, impact the practice and teaching of music in the period, particularly in relation to women? The work of Maria das Dores suggests that women took part intensively and effectively in the music scene of the 19th century, and that the Conservatory and the work of Francisco Manoel da Silva played a role in their livelihoods and social mobility. This paper highlights the relevance of newspapers as a privileged source of data about the daily life of so-called “common people” and showcases a unique female life, uncovering details of 19th-century musical practices that so far have been overlooked by historical narratives about the period.

¹ Doutoranda em Música na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). Professora de Educação Musical do Colégio Pedro II e cravista acompanhadora da Escola de Música da UFRJ, Rio de Janeiro, RJ, Brasil. Endereço para correspondência: Rua Rego Lopes, 33, apt 102, Tijuca, Rio de Janeiro, RJ, Brasil, CEP: 20520-040. ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0003-1672-5797>

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9868957801026397> . E-mail: claralbuquerquecravo@gmail.com .

ALBUQUERQUE, Clara Fernandes.

Keywords: Music Conservatory; Female music teachers; Religious festivities; Rio de Janeiro in the 19th century; Microhistory.

INTRODUÇÃO

Neste trabalho², trago uma narrativa sobre a professora montevideana Maria das Dores Castanheira Guimarães, uma das primeiras alunas do Conservatório de Música do Rio de Janeiro, na década de 1850. Ele é um recorte de pesquisa mais ampla sendo desenvolvida no Doutorado em música na UNIRIO, sob orientação da professora doutora Inês de Almeida Rocha, onde investigo a atuação profissional de professoras que foram alunas e premiadas com medalha de ouro no Conservatório.

A narrativa aqui construída vem somar esforços aos crescentes estudos desenvolvidos nos últimos anos, que vêm questionando e revisando os silenciamentos e apagamentos das mulheres nas histórias da música, da educação, e da educação musical brasileiras. Tais estudos buscam evidenciar o papel feminino ativo na sociedade e destacá-las como sujeitos que fazem história, e como diz Margareth Rago, “merecem ocupar um lugar na memória social” (RAGO, 1995, p. 85). Na busca pela construção de minha própria identidade profissional, me sensibilizei com vestígios da vida desta professora que viveu há quase 200 anos atrás e foi uma das primeiras alunas da mesma instituição na qual trabalho, a atual Escola de Música da UFRJ. Para isso, busquei revisitar fontes e acrescentar novas, a fim de “rastrear a informação mais humilde, adivinhar a imagem mais apagada e reexaminar o discurso mais repetido”, segundo Mary del Priore (PRIORE, 1994, p. 11).

Nisia Floresta Brasileira Augusta, pseudônimo de Diosnia Gonçalves Pinto (1810 – 1885), em seu livro *Opúsculo Humanitário* (1853), denunciava que “não é na história de nossa terra, que iremos estudar a situação de nossas mulheres; porque infelizmente os poucos homens que têm escrito apenas esboços dela, não as acharam dignas de ocupar algumas páginas de seus livros” (AUGUSTA, 1853, p. 46 e 47). Em tais livros, na melhor das hipóteses, se estiveram, provavelmente as encontraríamos em notas de rodapé. O enfoque deste trabalho está em uma única professora, com base na conceituação de Micro-história de Carlo Ginzburg, e inspirado em sua obra *O Queijo e os Vermes* (1976). Nela, Ginzburg se propõe a “reduzir a escala de observação”, a construindo em torno do moleiro Menocchio, condenado pela Inquisição, que assim como as mulheres musicistas brasileiras, “poderia ter sido apenas uma nota de rodapé” para outro estudioso (GINZBURG, 2007, p. 264). Jacques Revel também está entre aqueles que propõem “aumentar o

² Este trabalho foi apresentado como comunicação no V Congresso da *Asociación Regional para América Latina y el Caribe* da *International Musicological Society* (ARLAC-IMS), em abril de 2022, na mesa temática *Contemos otras historias: narrativas de la enseñanza musical em Brasil y Argentina em la prensa periódica (1853-1940)*, como parte do *Grupo de Trabalho Música e Periódicos*, coordenado pela professora Doutora Maria Alice Volpe.

objeto de observação” (REVEL, 1998, p. 11), e entendem que “vidas minúsculas também participam, à sua maneira, da ‘grande’ história da qual elas dão uma versão diferente, distinta, complexa”, não para opor “grandes e pequenos”, mas “reconhecer que uma realidade social não é a mesma dependendo do nível de análise, [...], ou da escala de observação – em que escolhemos nos situar” (REVEL, 1998, p. 12 e 13).

Pretendo responder às seguintes perguntas: O que vestígios biográficos de uma ex-aluna do Conservatório podem dizer sobre a visibilidade e a atuação profissional feminina em música na segunda metade do século XIX? De que forma esta instituição e a ligação ao intelectual Francisco Manoel da Silva impactaram a prática musical e a docência em música no período, especialmente em relação às mulheres? As contribuições de Francisco Manoel da Silva e do Conservatório no ambiente musical e na formação de músicos oitocentistas já foram tratadas em outras pesquisas. Minha intenção aqui é “captar algo que escapa na visão de conjunto” (GINZBURG, 2007, p. 267), mostrando que também as mulheres se beneficiaram desta formação, além de terem sido agentes fundamentais no projeto cultural, político e religioso deste intelectual (GOMES; HANSEN, 2016, p. 10 e 12).

Realizei um extenso levantamento nos periódicos da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional, acrescido de documentos institucionais e de registros vitais no *Family Search*, tendo como metodologia o paradigma indiciário. Busquei nestas fontes vestígios sobre Maria das Dores, como uma espécie de detetive, procurando estar atenta a “pormenores mais negligenciáveis”, menos evidentes (GINZBURG, 1989, p. 144 e 145). A localização de seu sobrenome e a busca com diferentes ortografias deste, bem como com nomes de parentes e pessoas de seu círculo social auxiliaram a obter informações que anteriormente me pareciam impossíveis de localizar. Percebeu-se que os periódicos, com seus anúncios de aulas, registros jurídicos, convites para missas fúnebres, descrições de cerimônias e premiações, convites para festividades etc., podem trazer valiosas pistas sobre pessoas consideradas “comuns” e os acontecimentos cotidianos de suas vidas, ainda que na Micro-história as lacunas façam parte da narrativa, e se assumam nos relatos “as hipóteses, as dúvidas, as incertezas” (GINZBURG, 2007, p. 265).

Família

Maria das Dores Castanheira (c. 1843-1910) era filha da montevideana Maria do Rosario Castanheira (c. 1816-1881) e do cantor espanhol Antonio Castanheira, que veio para o Rio de Janeiro em 1843 como membro de uma companhia espanhola, dirigida por José de la Puerta. Em

A “Distinta Discípula” Maria das Dores Castanheira Guimarães: Formação e atuação de uma aluna do Conservatório de Música no Rio de Janeiro Oitocentista

abril de 1843, Castanheira foi citado nos dramas *A Gargalhada* (O PHAROL CONSTITUCIONAL, 4 de abril de 1843, ed. 57, p. 4) e *A Nodoa de Sangue* (JORNAL DO COMMERCIO, 13 de abril de 1843, ed. 101, p. 3), que ocorreram no Teatro de S. Francisco. Maria do Rosario chegou no Rio de Janeiro em junho de 1843 (DIARIO DO RIO DE JANEIRO, 6 de junho de 1843, ed. 126, p. 4). Não foram mencionados acompanhantes dela, mas segundo registros de casamento e anúncios dos óbitos de Pedro Antonio e Maria das Dores, dois de seus filhos, eles teriam nascido antes de sua chegada, o primeiro em Buenos Aires (BRASIL, *Familysearch*, fevereiro de 1862) aproximadamente em 1839, pois faleceu em 1889 com 50 anos (JORNAL DO COMMERCIO, 12 de março de 1889, ed. 71, p. 2), e a segunda em Montevideo, por volta de 1843 (BRASIL, *Familysearch*, dezembro de 1872; julho de 1910).

José de la Puerta dissolveu a companhia e partiu com sua família no dia 31 de outubro de 1843 (DIARIO DO RIO DE JANEIRO, 2 de novembro de 1843, ed. 245, p. 4). Antonio não os acompanhou, e passou a integrar o coro da companhia lírica italiana. Ele se suicidou por enforcamento em janeiro de 1851, por não ter meios suficientes para sustentar sua família, deixando sua mulher e “quatro filhos menores” (DIARIO DO RIO DE JANEIRO, 23 de janeiro de 1851, ed. 8604, p. 3; JORNAL DO COMMERCIO, 27 de janeiro de 1851, ed. 27, p. 3). Não é possível dizer em que condições emocionais e materiais Maria do Rosario criou Pedro Antonio (c.1839-1889), Maria das Dores (c. 1843 – 1910), Maria da Gloria (20 de agosto de 1845 - 1910), e Severiano (c. 1851-1905), os dois últimos nascidos no Rio de Janeiro (BRASIL, *Familysearch*, dezembro de 1845; outubro de 1879; maio de 1903; julho de 1905; O PAIZ, 10 de outubro de 1910, ed. 9501, p. 8). O que se pode saber, é que após dois anos da morte de Castanheira, o Conservatório de Música abria as aulas de rudimentos e canto para o sexo feminino, e Maria das Dores seria uma das primeiras alunas a ser mencionada nas fontes.

A FORMAÇÃO DE MARIA DAS DORES NO CONSERVATÓRIO

O Conservatório de Música, assim como a Sociedade Musical de Beneficência, foram instituições criadas por um grupo de músicos, diante da crise financeira e de oportunidades de trabalho vivida por esta categoria de trabalhadores no Período Regencial (MATTOS, 1996, p. 187). De acordo com suas bases, estabelecidas em 1841 e renovadas em 1847, a finalidade do Conservatório de Música era formar profissionalmente cantores, instrumentistas e compositores para o teatro lírico e a igreja (JORNAL DO COMMERCIO, 29 e 30 de junho de 1841, ed. 164, p.

2). Estavam previstas aulas de conhecimentos musicais iniciais, canto, instrumentos de corda e sopros, e contraponto (ALMANAK LAEMMERT, suplemento, 1848, p. 11 a 14; JORNAL DO COMMERCIO, 4 de fevereiro de 1847, ed. 35, p. 1). A instituição iniciou suas aulas em 1848 com rudimentos e canto para o sexo masculino (CORREIO MERCANTIL, 15 de agosto de 1848, ed. 222, p. 4), e em 1853 houve a instalação da mesma cadeira para o sexo feminino, a cargo do diretor, Francisco Manoel da Silva (CORREIO MERCANTIL, 6 de novembro de 1853, ed. 309, p. 3).

As aulas do sexo feminino foram alocadas no Colégio de Santa Teresa da Imperial Sociedade Amante da Instrução. As próprias alunas do colégio foram discípulas de Francisco Manoel (CORREIO MERCANTIL, 29 de maio de 1854, ed. 147, p. 2). Esta instituição filantrópica e caritativa era destinada a meninos e meninas pobres, sobretudo órfãos e órfãs, o que traz a possibilidade de Maria das Dores ter estudado ali. A justificativa dada pelo diretor para que as aulas tivessem sido estabelecidas naquele local foi que se traria “maior garantia” para as famílias, uma vez que “na sala dos cursos do Conservatório [...] seria necessário que os pais ou parentes das alunas as acompanhassem” (CORREIO MERCANTIL, 8 de novembro de 1853, ed. 311, p. 1). No entanto, a oferta de aulas a meninas órfãs e pobres era compatível com o público que buscava a instituição. No *Correio Mercantil*, se dizia que o Conservatório era “mais uma instituição de tanta utilidade e alcance, que saltam a todas as vistas os imensos benefícios que promete **às classes pobres do país; abre-lhes uma carreira**” (CORREIO MERCANTIL, 1 de maio de 1855 ed. 119, p. 2, grifos meus). Desde o estabelecimento da aula de rudimentos e canto para o sexo feminino, as mulheres tiveram presença constante no Conservatório, como se pode ver na tabela abaixo:

Tabela 1 – Discentes matriculados no Conservatório

| Ano | Homens | | Mulheres | | Total | |
|------|--------|----|----------|----|-------|----|
| 1854 | 49 | | 41 | | 100 | |
| 1855 | 60 | | 46 | | 106 | |
| 1856 | 73 | | 40 | | 113 | |
| 1857 | 52 | | 40 | | 92 | |
| 1858 | 68 | | 49 | | 117 | |
| 1859 | 48 | | 46 | | 94 | |
| 1860 | 83 | 35 | 48 | 42 | 131 | 77 |
| 1861 | | | | | | |
| 1862 | 52 | | 40 | | 92 | |
| 1863 | 50 | | 36 | | 86 | |

A “Distinta Discípula” Maria das Dores Castanheira Guimarães: Formação e atuação de uma aluna do Conservatório de Música no Rio de Janeiro Oitocentista

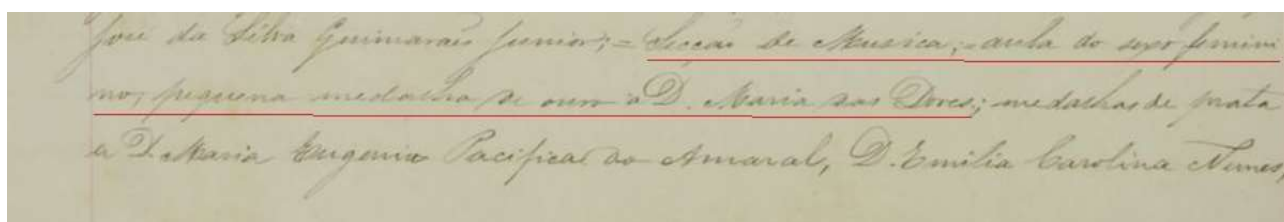
| | | | |
|------|---------|---------|---------|
| 1864 | 40 | 32 | 72 |
| 1865 | 32 46 | 35 14 | 67 60 |
| 1866 | 25 | 68 | 93 |

Fonte: BRASIL. Ministério dos Negócios do Império. Relatório da Repartição dos Negócios do Império apresentado à Assembleia Geral Legislativa pelo respectivo Ministro e Secretário de Estado dos Negócios do Império (1854-1874)

Em 1855, a instituição foi reorganizada e incorporada à Academia de Belas Artes pelo ministro do império Luiz Pedreira do Couto Ferraz, tornando-se uma de suas sessões. Além das aulas de rudimentos para o sexo masculino e feminino, as demais cadeiras previstas em suas bases foram implementadas, passando a haver aulas de contraponto e regras de acompanhar, instrumento de sopro e cordas (CORREIO MERCANTIL, 30 de janeiro de 1855, ed. 29, p. 1; JORNAL DO COMMERCIO, 18 de março de 1855, ed. 77, p. 2). Depois da reorganização, as aulas tiveram início no dia 14 de março de 1855, no dia do aniversário da imperatriz Teresa Cristina (JORNAL DO COMMERCIO, 18 de março de 1855, ed. 77, p. 2). Nos anos que se seguiriam, haveria comemorações aniversárias da reorganização com concertos dos alunos e alunas, assim como solenidades de distribuição de prêmios aos que mais se destacassem.

Na comemoração do primeiro ano, em 1856, Maria das Dores cantou um dueto de *Beatrice di Tenda* de Bellini, com Julia Campos, solou uma cavatina de *Il finto Stanislao (Un giorno di regno)*, de Verdi, e cantou com Hygino José de Araújo um dueto de *Torquato Tasso*, de Donizetti (CORREIO MERCANTIL, 16 de março de 1856, ed. 75, p. 1). Durante a cerimônia, o diretor suplicou “comovido a S. M. a Imperatriz sua poderosa proteção em favor das discípulas pobres do Conservatório” (ACADEMIA DE BELAS ARTES, notação 6163, p. 14). Em novembro do mesmo ano, Maria das Dores e Julia Campos foram as primeiras alunas premiadas, ambas com medalha de prata (CORREIO MERCANTIL, 29 de novembro de 1856, ed. 328, p. 1). Maria das Dores receberia medalha de ouro em canto em 1858, como se vê na figura abaixo:

Figura 1 – Medalha de ouro a Maria das Dores em 1858



Fonte: ACADEMIA DE BELAS ARTES. Conservatório de Música. Livro de Atas (1856-1874). Ata da seção de 22 de dezembro de 1858. Museu D. João VI. Notação 6152.

Anos depois, Maria das Dores foi convidada na qualidade de “ex-aluna” para cantar a *Ballata* da ópera *O Guarany* de Carlos Gomes na inauguração do edifício do Conservatório em 1872 (JORNAL DO COMMERCIO, 9 de janeiro de 1872, ed. 9, p. 3). Este foi um momento de grande simbolismo, pois pela primeira vez, após muitos anos de luta, iniciada com os esforços de Francisco Manoel da Silva em 1863, a instituição teria um prédio próprio.

A PARTICIPAÇÃO DE MARIA DAS DORES EM FESTIVIDADES RELIGIOSAS: DA FORMAÇÃO À ATUAÇÃO PROFISSIONAL

Além das aulas, fazia parte da formação de alunos e alunas do Conservatório o exercício musical público, modelo de ensino que Francisco Manoel da Silva herdou de seu professor, o Padre José Mauricio Nunes Garcia. José Mauricio levava seus alunos para atuar na Capela Real, como cantores ou instrumentistas (ANDRADE, 1967, v. 1, p. 53), e da mesma maneira, os alunos da instituição dirigida por Francisco Manoel também participavam como cantores do coro da Capela Imperial. No relatório do Ministério do Império de 1856, publicado em 1857, se dizia que

“parte [dos alunos] continua a praticar na Capela Imperial mediante uma pequena gratificação; e alguns já tem exercido a sua arte por ocasião de festividades religiosas, tirando daí meios de subsistência meninos pobres e desvalidos que sem este recurso viveriam na miséria” (BRASIL, 1857, p. 79; LAEMMERT, 1858, Suplemento, p. 102).

Em 1859, o professor de Rudimentos para o sexo masculino, Dionysio Vega, declarava que seus alunos Januário da Silva Arvellos, Domingos José Ferreira, João José Tavares e Carlos Augusto de Novaes, recebiam 10\$000 réis por mês, e Henrique da Silva Oliveira, Francisco José da Silva Reis, Eloy José da Cunha e Francisco José Rangel de Sampaio recebiam 5\$000 réis “pelos serviços que prestam na Capela Imperial” (CORREIO MERCANTIL, 22 de março de 1859, ed. 81, p. 2).

Embora “não [fossem] admitidas na Capela Imperial vozes femininas” (ACADEMIA DE BELAS ARTES, 25 de maio de 1886, notação 2386, p. 2), as mulheres não estavam excluídas deste exercício musical público, muito pelo contrário. Coube a elas a participação em festividades nas demais igrejas. Além do intuito de complementar a formação, a participação feminina em festividades podia ser entendida como parte de um projeto de Francisco Manoel da Silva. Tal projeto consistia em restaurar a música sacra de uma suposta “profanação”, caracterizada pela

A “Distinta Discípula” Maria das Dores Castanheira Guimarães: Formação e atuação de uma aluna do Conservatório de Música no Rio de Janeiro Oitocentista

utilização de repertório operístico ou com características estilísticas de ópera italiana e a participação de cantoras do teatro lírico nas igrejas (O APOSTOLO, 18 de novembro de 1866, ed. 46, p. 2). Para promover esta restauração, Francisco Manoel produziu composições, investiu na formação de compositores de um repertório de música sacra com menos elementos considerados operísticos, e procurou empregar mulheres que não tivessem ligação com o teatro no canto sacro, isto é, suas alunas.

Elas começaram a cantar na Igreja de Santa Cruz dos Militares, dirigidas por Francisco Manoel da Silva, no âmbito da Devoção da Piedade. Esta associação foi formada por senhoras da elite, com a proteção da Imperatriz, com a intenção de pedir, por meio de cânticos e hinos, a intervenção da “Divina Providência, por intercessão da Santíssima Virgem” para a cessação do flagelo do cólera morbo (DIARIO DO RIO DE JANEIRO, 12 de janeiro de 1871, ed. 12, p. 2).

Nos anúncios das missas e festas da devoção, mencionava-se “as meninas do Conservatório”, e provavelmente Maria das Dores estava entre elas (JORNAL DO COMMERCIO, 12 de outubro de 1855, ed. 281, p. 2). Em 1857, foram divulgados seus estatutos, formados por três artigos, e no terceiro ela se comprometeria a usar “sua influência e meios em proteger as viúvas e filhos de gente virtuosa e pobre, e bem assim as meninas do conservatório musical” (JORNAL DO COMMERCIO, 1857, ed. 190, p. 1).

Nos comentários no *Jornal do Commercio* sobre as preces e hinos entoados no dia 12 de outubro de 1855, pode-se perceber que os objetivos do projeto de Francisco Manoel estavam sendo alcançados. O autor da notícia descrevia a participação de 35 “meninas do conservatório”, acompanhadas “na harmônica por uma dileitante e por dois fagotes”, elogiando a “grandeza do pensamento musical”, e seu “caráter religioso”. O autor do texto terminou com a conclusão: “Assim este exemplo sirva para banir das igrejas as músicas teatrais!” (JORNAL DO COMMERCIO, 14 de outubro de 1855, ed. 283, p. 2; HAZAN, 1999, p. 45).

A primeira menção nominal que localizei referente à participação de Maria das Dores em festividades se deu por ocasião da solenidade do Senhor do Desagravo em setembro de 1855, também na igreja de Santa Cruz dos Militares:

A igreja de Santa Cruz dos Militares solenizou ontem o Senhor do Desagravo. Esta festividade é uma das mais notáveis pelo concurso de fervorosa devoção. A música foi primorosamente dirigida pelo mestre o sr. Francisco Manoel da Silva. Cantou uma filha deste ilustre mestre, que devotamente a isso se ofereceu, e o fez por maneira arrebatadora. Cantaram mais, e também **por devoção**, a Ilma. Sra. D. Maria Costa e **uma discípula do conservatório, a Sra. D. Maria das Dores [...]** (CORREIO MERCANTIL, 29 de setembro de 1855, ed. 269, p. 1, grifos meus).

Após isso, na festividade da Senhora do Terço na igreja do Senhor dos Passos em outubro de 1856, comentou-se que cantou “a distinta discípula do nosso conservatório de música, a Sra. D. Maria das Dores, cuja excelente voz já se torna digna de elogios” (DIÁRIO DO RJ, 6 de outubro de 1856, ed. 277, p. 1). Ela cantou “por obséquio” com Amelia de Figueiredo na festa da padroeira da Confraria de Nossa Senhora da Lampadosa em novembro de 1860 (JORNAL DO COMMERCIO, 17 de novembro de 1860, ed. 318, p. 2). Na mesma igreja, na festa do Bom Jesus do Cálix em maio de 1862, Francisco Manoel da Silva, dirigiu “por obséquio [...] suas alunas do conservatório Ilmas. Sras. DD. **Maria das Dores**, Amelia de Figueiredo, Leonor, Maria Eugenia, Maria da Gloria, Feliciano, Henriqueta, Emilia e Januaria” (JORNAL DO COMMERCIO, 28 de maio de 1862, ed. 146, p. 2, grifos meus).

As alunas do Conservatório seguiram participando de festividades religiosas sob a direção musical de seu professor e de outros maestros. Maria das Dores cantou sob direção de José Joaquim Goyano (CORREIO MERCANTIL, 2 de fevereiro de 1859, ed. 33, p. 1), Dionysio Vega (CORREIO MERCANTIL, 5 de outubro de 1860, ed. 276, p. 3), Augusto Baguet (JORNAL DO COMMERCIO, 14 de setembro de 1861, ed. 251, p. 2), João Theodoro de Aguiar e José Ignacio de Figueiredo (JORNAL DO COMMERCIO, 21 de junho de 1861, ed. 170, p. 2), Bento Fernandes das Mercês (CORREIO MERCANTIL, 30 de maio de 1862, ed. 148, p. 3), dentre outros. Na festa de Nossa Senhora do Socorro promovida pela Venerável e Episcopal Ordem Terceira de Nossa Senhora do Terço em 1867, dirigida por Raphael Coelho Machado, ela seria referenciada como “a **insigne artista** D. Maria das Dores”, o que pode sugerir que, para além de aluna, ela estaria obtendo reconhecimento profissional naquele meio (JORNAL DO COMMERCIO, 2 de novembro de 1867, ed. 305, p. 2, grifos meus).

Esta prática propiciou visibilidade e destaque às alunas do Conservatório, inclusive a Maria das Dores, e além disso, foi apropriada como uma forma de atuação remunerada. É conhecido no livro de André Cardoso sobre a Capela Imperial um recibo de pagamento de cantoras, datado de 1873, embora neste Maria das Dores não tenha sido mencionada (CARDOSO, 2005, p. 101). Nos anúncios das festividades também se pode perceber uma distinção na forma de enunciar alguns solistas, atribuindo-se as expressões “por obséquio”, ou “por devoção”, sugerindo que os demais seriam remunerados. No relatório de 1870 do Ministro do Império, constatava-se que o Conservatório de Música,

Criad[o] por iniciativa particular, e sem pesar aos cofres da Nação, tem dado um **meio de vida honesto a grande número de donzelas pobres, que tiram os meios de sua subsistência do exercício da música**; não poucos professores de orquestra, e a **maior**

parte dos cantores nas festividades religiosas aprenderam neste estabelecimento a arte que professam (BRASIL, 1871, p. 8, grifos meus).

FORMAÇÃO DE IDENTIDADES E REDES DE SOCIABILIDADES

A participação feminina nas festividades religiosas mostra, por um lado, como a religião tinha um forte peso na vida destas mulheres, formando a sua identidade, e por outro, que esta vivência foi encarada como uma via possível de profissionalização. A atuação nas igrejas propiciou experiências comuns aos alunos e alunas do Conservatório, produzindo memórias compartilhadas e interrelacionadas. A identidade, explica Joel Candau, é “uma construção social, de certa maneira sempre acontecendo no quadro de uma relação dialógica com o *Outro*” (CANDAU, 2018, p. 9), estando “indissolivelmente ligada” à memória (CANDAU, 2018, p. 10).

Conjuntamente ao ambiente das festividades, ainda que frequentassem aulas separadas por gênero, alunos e alunas se encontravam durante as solenidades comemorativas e de distribuição de prêmios no Conservatório. Esta convivência em diferentes momentos e espaços pode ter contribuído para a construção de uma rede de apoio e ajuda mútua entre eles, quando se tornavam diretores musicais, cantores e cantoras. O conceito de redes de sociabilidades auxilia a compreender como eles comporiam um meio intelectual entrelaçado (SIRINELLI, 2003, p. 248), através do estabelecimento de amizades, fidelidades, e ao mesmo tempo da exclusão de outros sujeitos e ideias (SIRINELLI, 2003, p. 250).

Esta rede de apoio pode ter se fortalecido mais ainda pela participação de alunos e alunas como membros de irmandades. A escolha de uma devoção específica funcionava como um dos elementos de distinção entre as irmandades (OLIVEIRA, 1995, p. 102), e auxiliaria a delimitar a “expressão de fé” e a “visão de mundo” de um grupo determinado (OLIVEIRA, 1995, p. 107). Filiar-se a uma irmandade significava ao mesmo tempo se agregar a pessoas com uma visão de mundo semelhante, e se diferenciar dentro da sociedade, e por isso, ela seria “fomentadora de identidades” (OLIVEIRA, 1995, p. 107).

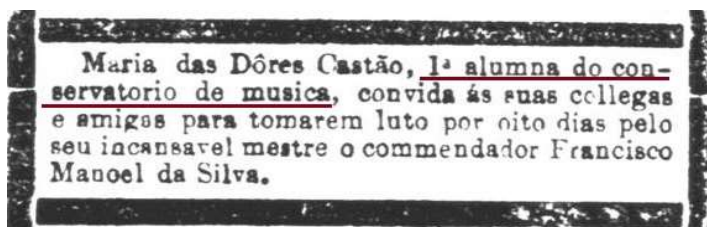
Maria das Dores integrou a irmandade de Santo Cristo dos Milagres como zeladora em 1861, no mesmo ano em que sua mãe Maria do Rosario e Amelia da Silva Figueiredo, aluna do Conservatório, eram aias do Senhor (CORREIO MERCANTIL, 15 de maio de 1861, ed. 132, p. 3; LAEMMERT, 1861, p. 365). Em 1863 ela permaneceu no cargo, e outra aluna, Francisca Xavier de Almeida Braga, foi aia do Senhor (CORREIO MERCANTIL, 17 de julho de 1863, ed. 195, p.

3). Em 1864, Maria das Dores foi vice-provedora na irmandade de Santa Cecília, uma associação de músicos, enquanto Francisco Manoel da Silva era o protetor perpétuo (LAEMMERT, 1864, p. 379). Descobrir a participação de Maria das Dores na irmandade de Santo Cristo foi um dos indícios mais importantes da pesquisa, pois propiciou conhecer seu sobrenome e fazer a partir daí novas buscas, aumentando bastante o número de informações sobre ela.

MARIA DAS DORES E A DOCÊNCIA

Em dezembro de 1865, Francisco Manoel da Silva faleceu, e suas alunas estiveram presentes no enterro. “Os alunos do conservatório” e a “corporação musical” determinaram um “luto de oito dias” (CORREIO MERCANTIL, 20 de dezembro de 1865, ed. 346, p. 2), e Maria das Dores, apresentando-se como “primeira aluna do Conservatório”, foi aos jornais convidar “colegas e amigas” para o luto (JORNAL DO COMMERCIO, 21 de dezembro de 1865, ed. 53, p. 3).

Figura 2 – Luto pelo falecimento de Francisco Manoel da Silva.

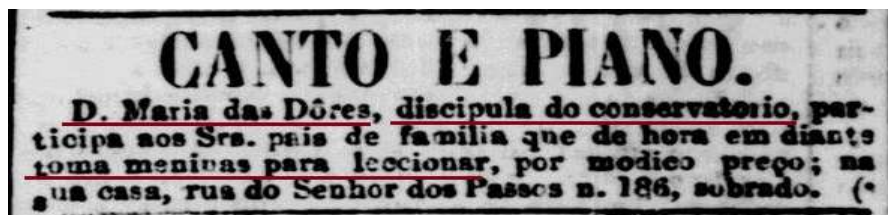


Fonte: JORNAL DO COMMERCIO, 21 de dezembro de 1865, ed. 353, p. 3

Pouco tempo depois da morte de seu professor, Maria das Dores começou a oferecer aulas de piano e canto em sua residência, anunciando como “discípula do conservatório” (JORNAL DO COMMERCIO, 6 de janeiro de 1866, ed. 6, p. 2). No *Almanak Laemmert* de 1868 (p. 482) e 1869 (p. 503) seu nome constou na listagem de professores de piano e canto. É possível imaginar que Maria das Dores, bem como outras alunas do Conservatório que atuaram na docência se valiam da formação naquela instituição e da vivência artística e religiosa nas suas práticas de ensino, porque estas experiências faziam parte de suas identidades pessoais e profissionais.

Figura 3 – Anúncio de aulas de Maria das Dores

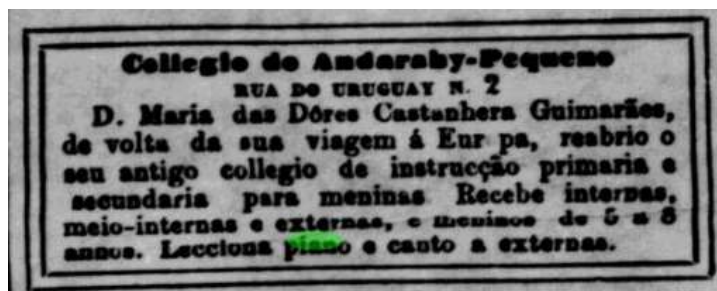
A “Distinta Discípula” Maria das Dores Castanheira Guimarães: Formação e atuação de uma aluna do Conservatório de Música no Rio de Janeiro Oitocentista



Fonte: JORNAL DO COMMERCIO, 5 de janeiro de 1866, ed. 5, p. 2

Maria das Dores se casou com o comerciante português João Antonio Ferreira Guimarães (c. 1825-1910) em dezembro de 1872. Após isso, ela continuou no magistério, e para além das aulas de música. Nos periódicos diários, assim como no *Almanak Laemmert* de 1880 a 1883 (1880, p. 639; 1883, p. 1331), noticiou-se sobre o Colégio Nossa Senhora das Dores, sob sua direção, incluindo aulas de música para as alunas externas. De acordo com notícia no *Jornal do Commercio*, o colégio parece ter sido aberto na década de 1870, mas o ensino foi interrompido por uma viagem de três anos da família à Europa (GAZETA DE NOTICIAS, 16 de janeiro de 1877, ed. 15, p. 2).

Figura 4 – Colégio do Andaraí Pequeno, dirigido por Maria das Dores C. Guimarães



Fonte: JORNAL DO COMMERCIO, 11 de janeiro de 1880, ed. 11, p. 5

Posteriormente, o colégio se tornou uma escola pública de instrução elementar subvencionada, na qual Maria das Dores esteve à frente até a sua morte, em 1910. Ao falecer em 27 de julho de 1910, com 67 anos, um mês depois de seu marido, ela deixou três filhas, Amalia (1874-1959), Marieta (? -1959) e Isabel (1882-1950), além da enteada Idalina.

Figura 5 – Falecimento de Maria das Dores



Fonte: JORNAL DO BRASIL, 1 de agosto de 1910, ed. 213, p. 11

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Maria das Dores teve uma atuação pública e em grande parte profissional, mesmo que com possíveis interrupções, por mais de cinquenta anos, desde 1855, quando começou a cantar em festividades, até 1910, ano de sua morte. Ela cantou pelo menos até o final da década de 1870, quando participou a Festa de São Francisco de Paula, regida por Henrique Alves de Mesquita e João Pereira da Silva (O APOSTOLO, 6 de abril de 1879, ed. 41, p. 2), e da festa de Nossa Senhora das Dores, na Candelária, regida por Raphael Coelho Machado, ambas “por devoção” (JORNAL DO COMMERCIO, 3 de abril de 1879, ed. 93, p. 5). Como professora e diretora, ela atuou por 44 anos, de 1866 a 1910, iniciando estas atividades em caráter particular e posteriormente indo para o magistério público elementar.

Com uma trajetória de dezenas de anos exercendo diversos papéis sociais, como os de esposa, mãe, irmã, cunhada, artista, professora, diretora, não faltou energia para a “professora Maria das Dores Guimarães” ser notada, com cerca de 63 anos, em um evento recreativo na companhia de suas filhas Isabel e Marieta Guimarães. Tratava-se de uma “récita semanal” e um baile “que durou até a madrugada”, organizados pelo Grêmio Dramático Bibi para “sócios e convidados” (O SECULO, 29 de outubro de 1906, ed. B00060, p. 3).

A “Distinta Discípula” Maria das Dores Castanheira Guimarães: Formação e atuação de uma aluna do Conservatório de Música no Rio de Janeiro Oitocentista

A atuação de Maria das Dores aponta para uma participação intensa e efetiva feminina na prática musical do século XIX, e para o importante papel do Conservatório e da atuação do intelectual Francisco Manoel da Silva na criação de meios de subsistência e de mobilidade social para estas mulheres. Nos documentos oficiais, no pronunciamento de Francisco Manoel em 1856, nos estatutos da Devoção da Piedade de 1857, e na própria história familiar de Maria das Dores, percebe-se que a formação no Conservatório tinha um viés caritativo e filantrópico, e visava a promoção de trabalho e sustento para indivíduos de setores da sociedade que careciam de recursos materiais, como outras instituições criadas na mesma época.

O ensino no Conservatório se diferenciava do contexto em que as aulas de música, em especial de piano e canto, ocorriam no século XIX. Elas faziam parte da educação de crianças e jovens, sobretudo mulheres, e principalmente as pertencentes à elite e à alta burguesia, em caráter particular e privado, com professores e professoras que davam aulas em suas residências ou nas das famílias de seus alunos e alunas (FREIRE; PORTELA, 2010). Como visto, Maria das Dores se tornou inclusive uma destas professoras.

O Conservatório proporcionou a vivência de uma prática musical que não era facilmente acessível a uma parcela da população, e não apenas como componente de sua educação, mas com finalidade de profissionalização. Finalmente, este trabalho destaca a relevância dos periódicos como fonte privilegiada para a obtenção de informações sobre a vida cotidiana de pessoas consideradas “comuns”. Esta pesquisa traz um olhar para uma vida feminina única, descortinando pormenores da prática musical oitocentista que não têm sido tão valorizados até o momento nas narrativas históricas sobre o período.

REFERÊNCIAS

ACADEMIA DE BELAS-ARTES. **Conservatório de Música**. Livro de atas (1856-1874). Acervo Museu D. João VI. Documentos Manuscritos. Notação: 6152.

ACADEMIA DE BELAS ARTES. Livro de Atas (1855-1869). **Ata da 4ª Sessão pública da Academia Imperial das Belas Artes de 15 de março de 1856**. Museu D. João VI. Notação 6163, p. 14

ACADEMIA DE BELAS ARTES. Avulsos. **Documento redigido e assinado por Antonio Nicolau Tolentino dirigido ao Senador Barão de Mamoré, Ministro e Secretário do Estado dos Negócios do Império em 25 de maio de 1886**. Museu D. João VI. Notação 2386.

ANDRADE, Ayres de. **Francisco Manuel da Silva e seu tempo**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1967. 2 v. (Coleção Sala Cecília Meireles, v. 1).

AUGUSTA, Nisia Floresta Brasileira. **Opúsculo Humanitário**. Rio de Janeiro: Typographia M. A. Silva Lima, 1853.

BRASIL. Ministério dos Negócios do Império. **Relatório da Repartição dos Negócios do Império** do ano de 1856 apresentado a Assembleia Geral Legislativa na 1ª sessão da 10ª Legislatura pelo respectivo Ministro e Secretário de Estado dos Negócios do Império Luiz Pedreira do Couto Ferraz. Rio de Janeiro: Typographia Universal de Laemmert, 1857.

BRASIL. Ministério dos Negócios do Império. **Relatório do Diretor do Conservatório de Música Thomas Gomez dos Santos apresentado em abril de 1871**. Documento anexo ao Relatório apresentado à Assembleia Geral na Terceira Sessão da Décima Quarta Legislatura pelo Ministro e Secretário do Estado dos Negócios do Império Dr. João Alfredo Correa de Oliveira. Rio de Janeiro: Typographia Nacional, 1871.

BRASIL, Rio de Janeiro, **Registro Civil, 1829-2012**. Data base com imagens, *FamilySearch*. Maria Das Dores Da Costanheira Guimarães (registro de óbito, 27 de julho de 1910). Rio de Janeiro, RJ, Brasil. Corregedor Geral da Justicia, Rio de Janeiro. 9 de abril de 2020. Disponível em: <https://familysearch.org/ark:/61903/1:1:WYJJ-7Q3Z>.

BRASIL, Rio de Janeiro, **Registros da Igreja Católica, 1616-1980**. Data base com imagens, *FamilySearch*. Maria das Dores Castacinor (registro de matrimônio, 12 de dezembro de 1872). Rio de Janeiro, Santíssimo Sacramento, Batismos 1868, Ago-1875. Imagem 125 de 226. Paróquias Católicas, Rio de Janeiro. 11 de março de 2022. Disponível em: <https://familysearch.org/ark:/61903/3:1:939F-R891-66?cc=1719212&wc=M6ZT-7NL%3A131775101%2C139024701%2C140582901>.

BRASIL, Rio de Janeiro, **Registros da Igreja Católica, 1616-1980**. Data base com imagens, *FamilySearch*. Pedro Antonio Castanera (registro de matrimônio, 1 de fevereiro de 1862). Rio de Janeiro, São José, Matrimônios 1862, Jan-1868, Set. Imagem 2 de 56. Paróquias Católicas, Rio de Janeiro. 11 de março de 2022. Disponível em: https://familysearch.org/ark:/61903/1:1:6X8Y-KRZM?cid=fs_copy

BRASIL, Rio de Janeiro, **Registros da Igreja Católica, 1616-1980**. Data base com imagens, *FamilySearch*. Maria da Gloria Castauheira (registro de matrimônio, 11 de outubro de 1879). Rio de Janeiro, RJ, Santíssimo Sacramento, Matrimônios 1872, Fev-1884, Imagem 165 de 246. Paróquias Católicas. 11 de março de 2022. Disponível em: <https://www.familysearch.org/ark:/61903/3:1:939F-RZ3M-YY?i=164>

BRASIL, Rio de Janeiro, **Registros da Igreja Católica, 1616-1980**. Data base com imagens, *FamilySearch*. Maria da Gloria (registro de batismo, 9 de dezembro de 1845). Rio de Janeiro, São José, Batismos 1843, Abr 1847, Imagem 138 de 188. 11 de março de 2022. Disponível em: <https://www.familysearch.org/ark:/61903/1:1:6X8T-CR1V>

BRASIL, Rio de Janeiro, **Registro Civil, 1829-2012**. Data base com imagens, *FamilySearch*. Severianno Antonio Castanheira (registro de matrimônio, 4 de maio de 1903). 07ª Circunscrição, Rio de Janeiro, RJ, Brasil. Corregedor Geral da Justicia, Rio de Janeiro. 9 de abril de 2020. Disponível em: <https://familysearch.org/ark:/61903/1:2:9MKQ-DCG2>

A “Distinta Discípula” Maria das Dores Castanheira Guimarães: Formação e atuação de uma aluna do Conservatório de Música no Rio de Janeiro Oitocentista

BRASIL, Rio de Janeiro, **Registro Civil, 1829-2012**. Data base com imagens, *FamilySearch*. Severiano Castanheira (registro de óbito, 6 de julho de 1905). Rio de Janeiro, RJ, Brasil. Corregedor Geral da Justiça, Rio de Janeiro, 24 de junho de 2022. Disponível em: <https://familysearch.org/ark:/61903/1:1:79D3-QC3Z>

CANDAU, Joël. **Memória e identidade**. São Paulo, SP: Contexto, 2018.

CARDOSO, André. **A música na Capela Real e Imperial do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Música, 2005.

FREIRE, Vanda L. Bellard; PORTELA, Ângela Celis. Mulheres pianistas e compositoras, em salões e teatros do Rio de Janeiro (1870-1930). **Cuadernos de Música, Artes Visuales y Artes Escénicas**. Bogotá, v. 5, n. 2, p. 61-78, 2010.

GINZBURG, Carlo. **O queijo e os vermes: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela Inquisição**. (Original de 1976) São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história**. São Paulo: Companhia das letras, 1989.

GINZBURG, Carlo. **Micro-história: duas ou três coisas que sei a respeito**. In: **O fio e os rastros**. Verdadeiro, falso, fictício. (Original de 2006). São Paulo: Companhia das letras, 2007.

GOMES, Ângela de Castro; HANSEN, Patrícia Santos. Apresentação. Intelectuais, mediação cultural e projetos políticos: uma introdução para a delimitação de um objeto de estudo. In: GOMES, Ângela de Castro; HANSEN, Patrícia Santos (Orgs.) **Intelectuais mediadores: práticas culturais e ação política**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016, p. 7-37.

HAZAN, Marcelo. **The Sacred works of Francisco Manuel da Silva (1795-1865)**. Dissertation submitted to the Faculty of the Department of Musicology School of Music of The Catholic University of America. In partial fulfillment of the requirements for the degree Doctor of Philosophy. Catholic University of America: Washington, D.C., 1999.

MATOS, Cleofe Person de. **José Mauricio Nunes Garcia: Biografia**. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, Dep. Nacional do Livro, 1996.

OLIVEIRA, Anderson José Machado de. **Devoção e Caridade**. Irmandades religiosas no Rio de Janeiro imperial (1840-1889). 1995, Dissertação (Mestrado). Universidade Federal Fluminense. Niterói, 1995.

PRIORE, Mary del. **A Mulher na História do Brasil**. 4ª Edição. Coleção Repensando a História. São Paulo: Editora Contexto, 1994.

RAGO, Luzia Margareth. As Mulheres na Historiografia Brasileira. In: SILVA, Zélia Lopes (Org.). **Cultura Histórica em Debate**. São Paulo: UNESP, 1995.

REVEL, Jacques. **Jogos de escalas: a experiência da microanálise**. Tradução Dora Rocha. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998.

ALBUQUERQUE, Clara Fernandes.

SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais. In: RÉMOND, René. **Por uma história política**. Tradução Dora Rocha. 2ª ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.

VALDEZ, Diane; ALVES, Miriam Fábila. Espaços de educar: biografias femininas e ensino de história da educação. In: **Revista Brasileira de História da Educação**, v. 19, 2019.

Periódicos:

ALMANAK LAEMMERT. Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial da Corte e Província do Rio de Janeiro. (1848 -1910)

CORREIO MERCANTIL (1848 – 1865)

DIARIO DO RIO DE JANEIRO (1843 – 1876)

GAZETA DE NOTICIAS (1879)

JORNAL DO COMMERCIO (1841 – 1891)

JORNAL DO BRASIL (1910)

O APOSTOLO (1866)

O PAIZ (1910)

O PHAROL CONSTITUCIONAL (1843)

Submetido em: 17 de jul de 2022.

Aprovado em: 15 de ago de 2022.

Publicado em: 30 de ago de 2022.